Luciano. *Diálogo dos mortos*. Tradução Henrique Murachco. São Paulo: Edusp e Palas Atena, 1995.

**I - DIÓGENES E PÓLUX**

[D]: Pólux, eu te peço que assim que subires de novo à Terra (e eu creio que amanhã será a tua vez de subir), se vires Menipo, o cão (e poderias encontra-lo em Corinto, lá pelo Crânion ou no Liceu perturbando os filósofos que estão brigando uns contra os outros), eu te peço que lhe digas o seguinte: “Menipo, Diógenes está te convidando, caso as coisas na terra já estejam suficientemente zombadas por ti, que venhas para cá, para zombar muito mais. Na verdade, aí o riso ainda está incerto e frequente o refrão: ‘Quem sabe com certeza das coisas do além-vida?’ Aqui, no entanto, não cessarás de rir com segurança, como eu estou fazendo agora. Sobretudo porque tu vês os ricos, os sátrapa, os tiranos, agora tão rebaixados e insignificantes, reconhecidos apenas pela lamentação; isto é, que são uns poltrões e ignóbeis, enquanto ficam recordando as coisas lá de cima.” Dize isso a ele... E mais: que ele venha para cá com a sacola cheia de muito tremoço, e, se em alguma encruzilhada ele topar com um jantar preparado para Hécate ou um ovo de alguma purificação ou alguma coisa desse tipo, que traga.

[P]: Está certo. Vou transmitir isso, Diógenes. Mas, para que eu o identifique bem, qual é o aspecto dele?

[D]: Ele é velho, careca, tem um pequeno manto todo esburacado, esvoaçando a qualquer vento; e multicolorido por causa da superposição dos remendos. Ele está sempre rindo e na maior parte do tempo zombando daqueles filósofos charlatões.

[P]: Será fácil encontra-lo; pelo menos a partir desse perfil.

[D]: Queres que eu mande também um recado para aqueles filósofos?

[P]: Vai, manda, que isso não é muito pesado.

[D]: Em poucas palavras recomendo-lhes de parar de conversa fiada, de discutir sobre a universalidade das coisas e plantar chifres uns nos outros e de fabricar crocodilos e de afiar as mentes para formular perguntas sem resposta.

[P]: Mas, se eu fizer críticas à sabedoria deles, eles vão me chamar de analfabeto e ignorante.

[D]: E tu, manda-os, então, vir gemer aqui perto de mim.

[P]: Também isso, Diógenes, eu lhes transmitirei.

[D]: E aos ricos, meu queridinho Poluxinho, leva esta mensagem de nossa parte: “Por que, seus tolos, guardais ouro? Por que vos castigais a vós mesmos, fazendo cálculos de juros, amontoando talentos e mais talentos? Daqui um pouco, para chegardes aqui, vós precisareis de um óbolo apenas.”

[P]: Também isso aí será dito àquela gente.

[D]: E também aos belos e aos fortes: a Megilo de Corinto e ao lutador Danoxenes, diga-lhes que aqui, entre nós, não há mais nem cabeleiras loiras, nem olhos azuis ou negros, nem faces rosadas, nem músculos tesos ou espáduas poderosas, mas sim crânios desprovidos de beleza, que tudo é só cinza.

[P]: Também isso não é difícil dizer aos belos e aos fortes.

[D]: E aos pobres, meu Lacedemônio (e eles são muitos que sofrem com a situação e se lamentam da miséria), dize-lhes para que não chorem nem gemam; e fala-lhes depois da igualdade de condições que reina aqui e que eles verão os ricos não melhores do que eles. E dize também aos teus Lacedemônios isso: (se te convém) censura-os, de minha parte, e dize-lhes que eles ficaram frouxos.

[P]: Não fala nada dos Lacedemônios. Eu não vou tolerar isso. Quanto ao que disseste para dizer aos outros, eu vou fazer.

[D]: Vamos esquecer isso, se te convém. Mas não deixes de transmitir minha mensagem a todos que acabei de mencionar.

**VI – MENIPO, ÉACO E ALGUNS FILÓSOFOS**

[M]: Por Plutão, Éaco, leva-me para dar uma voltinha por todo o Hades.

[E]: Menipo, por todo mesmo, não é fácil. Mas aprende tudo quanto é importante: esse aí, tu sabes bem é o Cérbero. E, já ao dares entrada, tu viste esse barqueiro, que te fez atravessar o lago Piriflégueton.

[M]: Essas coisas eu já vi e a ti também, que vigiais a porta. Eu vi também o rei e as Eríneas. Mas, mostra-me os homens antigos e sobretudo os mais ilustres deles.

[E]: Esse aí é o Agamêmnon, aquele Aquiles, e perto dele é o Idomeneu; o seguinte é o Odisseus, depois o Ájax e Diomedes e os melhores dos gregos.

[M]: Caramba! Ei, Homero, que sumidades das tuas rapsódias estão jogadas por terra, irreconhecíveis e disformes! Tudo é poeira e muita conversa mole e cabeças inertes! De verdade! Mas esse aí, quem é, Éaco?

[E]: Esse aí é Ciro e esse outro é Creso, e ao lado dele é o Sardanápalo. Lá, acima deles é o Midas; e aquele ali é o Xerxes.

[M]: Então, seu crápula, a Grécia inteira tremia de medo quando tu ligavas o Helesponto e desejavas navegar através da montanha! E Creso, em que estado está! Quanto a Sardanápalo, deixa que eu lhe dê um tapa na cara?

[E]: Nada disso! Tu vais moer o crânio dele, que é crânio de mulher.

[M]: Pois bem então eu vou cuspir em cima dele todo, porque é um andrógino.

[E]: Queres que eu te mostre também os sábios?

[M]: Quero sim, por Zeus!

[E]: Para começar, esse aí é o Pitágoras.

[M]: Salve, oh Euforbo... ou Apolo... ou o que quiseres!

[P]: Ei, Menipo, até tu?!

[M]: E a coxa de ouro, tu não a tens mais?

[P]: É claro que não! Mas, deixa-me ver o que há para comer na tua sacola?

[M]: Favas, meu caro. Então, para ti não são comestíveis.

[P]: Passa para cá! Entre os mortos os princípios são outros! Aqui eu aprendi que favas e crânios dos genitores não são iguais.

[E]: Esse aí é Sólon, filho de Exértides; aquele lá é Tales e junto dele está o Pítacos e os outros. São ao todo sete, como estás vendo.

[M]: Esses aí não estão tristes, Éaco; e estão até alegres entre si. E aquele aí, todo coberto de pó, como um pão assado na cinza, todo cheio de botões, todo coberto de bolhas, quem é?

[E]: É Empédocles, Menipo, que está chegando meio assado, do Etna.

[M]: Ei, meu caro, pé-de´cobre! Que sofrimentos te levaram a te jogar na cratera?

[Em]: Foi o meu humor negro, Menipo.

[M]: Por Zeus que não! Mas foi a vanglória e a vaidade e uma imensa burrice! Foram essas coisas que te transformaram em carvão, tu que não eras indigno nem das sandálias de cobre. Contudo, o teu estratagema não deu certo, pois foste flagrado morto! Mas, Éaco, o Sócrates, onde será que está?

[E]: Ele? Está batendo um papo com Nestor e Palamedes.

[M]: Mesmo assim, eu gostaria de vê-lo, se é que ele está por aqui.

[E]: Estás vendo aquele careca?

[M]: Mas... todos são carecas! Então essa seria a marca de todos?

[E]: Eu estou falando daquele ali, de nariz achatado.

[M]: Dá no mesmo. Todos têm o nariz chato.

[S]: Estás me procurando, Menipo?

[M]: E bastante!

[S]: Como estão as coisas em Atenas?

[M]: Muitos jovens fazem de conta que estão filosofando; e, se alguém olhasse para seus semblantes e para seu modo de andar, diria que são excelentes filósofos!

[S]: É, eu vi muitos assim!

[M]: Contudo, tu viste, creio eu, como chegaram junto a ti Aristipo e o próprio Platão: um, todo perfumado, e o outro, depois de aprender a cortejar tiranos as Sicília!

[S]: E o que eles pensam a meu respeito?

[M]: Tu és um homem feliz, Sócrates! Pelo menos no que diz respeito a isso. Com efeito, todos acham que tu foste um homem admirável e que sabias tudo! E isso, acho que é preciso que eu te diga, sem saberes nada...

[S]: Mas eu mesmo lhes dizia isso! Mas eles achavam que a coisa era ironia!

[M]: E quem são esses que estão em torno de ti?

[S]: Cármides, Menipo, e também Fedro e o filho de Clínias.

[M]: Muito bem, Sócrates! Até aqui tu exerces tua arte e não desprezas os belos!

[S]: E... que outra coisa eu poderia fazer? Mas, se te apraz, deita-te aqui junto de nós

[M]: Não, por Zeus! Eu vou me instalar ao lado de Creso e Sardanápalo, para morar perto deles. Acho que vou rir, e não pouco, ao ouvi-los gemer.

[E]: E eu vou indo, para que algum morto não fuja sem eu perceber. Muitas coisas verás ainda, Menipo, em outra ocasião.

[M]: Podes ir. Essas aí me bastam, Éaco.

**IV – MENIPO E CÈRBERO**

[M]: Dize-me uma coisa, Cérbero, parente meu, pois que eu também sou cão, dize-me, pela Stix, como estava Sócrates na descida para cá? Ao que parece, mesmo sendo um deus, tu não só lates, mas também emites sons humanos, quando queres.

[C]: De longe, Menipo, ele parecia vançar com o rosto perfeitamente imperturbável e parecia não ter nenhum medo da morte; e isso ele queria mostrar também aos que estavam parados na entrada do Hades. Mas, assim que ele olhou para dentro do abismo e percebeu a escuridão, e quando, enquanto ele hesitava, eu o mordi (com a cicuta) e puxei-lhe o pé, ele se pôs a berrar como um bebê, a lamentar seus próprios filhos, enfim, ficou daquele jeito.

[M]: Então o homem era um sofista e não era verdade que desprezava a coisa?!

[C]: Não. Mas, depois que ele viu que a coisa era para valer, ficou rígido de maneira a parecer que não era contra a sua vontade que iria sofrer o que é absolutamente necessário sofrer; a fim de que os espectadores o admirassem. De um modo geral, eu poderia dizer o mesmo desse tipo de gente: até a entrada, eles parecem ousados e valentes; mas as coisas aqui dentro dão a medida exata deles.

[M]: E eu, Cérbero, o que achas da minha chegada?

[C]: Tu és o único, Menipo, digno de tua raça. Antes de ti, Diógenes, porque entrastes sem serdes forçados ou empurrados; bem ao contrário, entrastes voluntariamente e sorridentes, mandando todos os outros gemerem.